

# GÊNERO, TRABALHO, INTERSECCIONALIDADES E ATRAVESSAMENTOS

## Mulheres negras e heranças coloniais: uma análise sobre a Feira Preta

*Black women and colonial legacies: an analysis of the Feira Preta*

**Ana Luiza Almeida Passos**

Mestranda do Programa Ciências Humanas e Sociais (PCHS) da Universidade Federal do ABC (UFABC) e bacharela do curso de Ciência Política e Sociologia (CPS) da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA). <https://orcid.org/0000-0002-8733-4809>

**Arlene Martinez Ricoldi**

Professora adjunta dos Bacharelados de Ciências e Humanidade e Políticas Públicas, e da Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. <https://orcid.org/0000-0002-2330-7633>

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo é entender como as dinâmicas coloniais que se expressam através do patriarcado, raça e classe permeiam a Feira Preta através das afroempreendedoras que compõe parte do evento, expondo seus produtos e serviços. Dessa forma, refletimos a partir de referenciais teóricos sobre o processo colonial, a fim de elucidarmos o caráter colonialista de nossas socializações. Como optamos por uma metodologia qualitativa, além das revisões bibliográficas, esse artigo conta também com a análise de entrevistas semiestruturadas que foram feitas em dezembro de 2019 com seis afroempreendedoras, no 18º aniversário da Feira Preta. A partir das construções feitas ao longo do artigo, considerou-se que nenhuma análise sobre a realidade pode ser feita sem considerar gênero, raça e classe – sobretudo pensando o mundo do trabalho – e que essas são heranças do período colonial; além disso, percebemos que as dinâmicas coloniais estão presentes na realidade das afroempreendedoras através de suas falas e que, para além do afroempreendedorismo ser uma forma de sobrevivência da população negra, é também uma forma de promover a ancestralidade e cultura africana.

**Palavras-chave:** Afroempreendedorismo, Socialização, Colonial.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to understand how the colonial dynamics that are expressed through patriarchy, race and class permeate Feira Preta through the afro-entrepreneurs that make up part of the event, exposing their products and services. In this way, we reflect from theoretical references on the colonial process, with the aim of elucidating the colonialist character of our socializations. As we opted for a qualitative methodology, in addition to bibliographic reviews, this article also counts with the analysis of semi-structured interviews that were carried out in December 2019 with six Afro-entrepreneurs, on the 18th anniversary of Feira Preta. From the constructions made throughout the article, it was considered that no analysis of reality can be made without considering gender, race and class – specifically thinking about the world of work – and that these are legacies from the colonial period; furthermore, we noticed that the colonial dynamics are present in the reality of the afro-entrepreneurs through their speeches, and that in addition to afro-entrepreneurship being a way of survival for the black population, it is also a way of promoting African ancestry and culture.

**Keywords:** Afro-entrepreneurs, Socialization, Colonial.

## 1. INTRODUÇÃO

Há alguns anos, boa parcela da população negra brasileira tem feito parte da categoria de empreendedores, nesse caso, como afroempreendedores,<sup>1</sup> que nada mais é do que uma maneira de sobrevivência da população negra, maioria entre os trabalhadores informais. No entanto, é necessário entender as consequências que levaram essa população aos maiores índices de informalidade, chegando hoje a serem 50% dos empreendedores do país (SEBRAE, 2015, p. 11).

Sendo assim, por que a população negra é maioria entre os(as) empreendedores(a), logo, entre os(a)trabalhadores(a) informais? Os altos índices de empreendedores negros no Brasil resultam da dificuldade enfrentada pela população negra em vender sua força de trabalho. Desde o estabelecimento do trabalho livre após a abolição da escravidão, as pessoas escravizadas e seus descendentes não foram vistos como mão de obra assalariada em potencial, e, portanto, excluídos e marginalizados das suas oportunidades. Assim, se ocuparam das atividades mais precarizadas e insalubres, não só no mundo do trabalho, mas em todos os âmbitos da vida social.

---

1 Através de meus estudos e observações compreendi que o resgate ancestral e cultural é o que diferencia afroempreendedores de empreendedores negros. Trataremos mais adiante, neste artigo, dessa noção de forma mais aprofundada.

Segundo Florestan Fernandes, todo o processo da mudança de um modelo econômico por outro não tinha como objetivo transformar o escravizado em liberto ou em “trabalhador livre”, mas de mudar a organização do trabalho para substituir o ‘negro’ pelo ‘branco’ (FERNANDES, Florestan, 2008[1964], p. 52). O trabalhador nacional negro é excluído do novo cenário, dando espaço aos milhares de imigrantes brancos que vieram para cumprir o ideal da burguesia nacional de uma sociedade moderna, civilizada e capitalista; uma sociedade embranquecida era o elemento central para a ascensão do país neste período.

O período colonial, portanto, foi essencial para a constituição e consolidação dos mecanismos de manutenção do capitalismo, onde as sujeitas e sujeitos colonizados, e principalmente as mulheres negras e racializadas, são as mais perpassadas por esses mecanismos. Portanto, as relações sociais de todos os indivíduos, sejam como opressores ou oprimidos, ricos ou pobres, brancos ou não-brancos, são dicotomias estabelecidas pelo período colonial, que continua perpetuando a subjugação de indivíduos sobre outros até os dias atuais.

Assim, neste artigo pretendemos analisar de forma concisa como as dinâmicas coloniais, que se expressam através do patriarcado e da raça, perpassam as experiências das afroempreendedoras que participaram da Feira Preta em dezembro de 2019; uma vez que essa parcela da classe trabalhadora brasileira é a mais atravessada pelos mecanismos que possibilitaram o colonialismo –, nomeadamente, machismo e racismo. Portanto, buscar compreender como as dinâmicas coloniais atravessam as relações sociais na maior feira de afroempreendedorismo da América Latina é ter a possibilidade de analisar a realidade da classe trabalhadora informal no Brasil que é, sobretudo, feminina e negra. Adicionalmente, propomos fazer uma análise sócio-histórica das experiências sociais daquelas que conformam a Feira Preta, dado que ainda não se tem nenhuma pesquisa ou estudo sobre a feira desde essa perspectiva.

Para tal, a metodologia usada será constituída de análise bibliográfica, onde, na primeira parte desse artigo nos debruçaremos sobre como as dinâmicas patriarcais e racistas - que conformam nossas socializações - se estabelecem nas experiências das mulheres negras; para isso, recuperaremos autores como Norbert Elias, Aimé Césaire, Angela Davis e Nancy Fraser. Em seguida (ou ‘na segunda parte’), apresentaremos aos leitores e leitoras a Feira Preta, a fim de situá-los sobre sua relevância para o empreendedorismo negro no Brasil; para isso, contaremos com a tese de Gleicy da Silva, com informações disponibilizadas pelo próprio site do evento e, ainda, com minhas próprias observações de quando estive na feira, em dezembro de 2019. E, finalmente na última parte, pretendemos desmiuçar as entrevistas realizadas com seis empreendedoras, em que usaremos a metodologia de entrevistas semi-estruturadas, as

quais serão analisadas com o método de categoria de análise (BARDIN, 2011[1977]), buscando compreender como as dinâmicas coloniais perpassam as relações sociais das afroempendedoras que conformam parte da Feira Preta.

## **2. A SOCIALIZAÇÃO COLONIAL E SEUS DESDOBRAMENTOS NA VIDA DAS MULHERES NEGRAS**

Na sociedade capitalista em que vivemos, o proletariado está subjugado à burguesia (MARX, 2017), no entanto, também há outros grupos sociais que constituem o capitalismo e que estão ainda mais subjugados: as mulheres são subjugadas ao patriarcado (SAFFIOTI, 2001[1987]), e a população negra ao racismo (ALMEIDA, 2018). Dessa maneira, as relações sociais são caracterizadas pela determinação histórica que define cada sujeito/a; assim, nossas socializações são baseadas na construção histórico-social de quem somos.

O período colonial foi fundamental na história mundial e na constituição recente da configuração atual. Diversos povos foram colonizados e escravizados reduzidos a meras “coisa-objetos” de quem lhes comprava, na qual a sua humanidade era, por vezes, sequer considerada. Eram vítimas desse novo sistema, assentado na superioridade dos europeus sobre os povos dominados e conseqüentemente, racializados, como ocorreu com indígenas e negros (QUIJANO, 2014).

Norbert Elias refletiu sobre o processo de racionalização e psicologização (2011, p.229-235) que significa a subjetivação do ser e sentir, que constitui a personalidade humana, e como ela é o resultado de uma série de elementos culturais, econômicos, históricos e religiosos. Esse processo constituiu-se, através da colonização, o principal instrumento dos colonizadores para estabelecer hierarquias, dominar os originários americanos e escravizar africanos e africanas. Pode-se dizer, então, que isso se caracterizou naquele momento como “a transição gradual para uma conduta e pensamento mais racionais, para um tipo de autocontrole mais diferenciado, mais abrangente, que associasse as funções burguesas” (ELIAS, 2011, p.240). Dessa forma, a “adequação” das colonizadas e colonizados ao ser, sentir e agir do colonizador, europeu, branco e burguês, impossibilitou outras possíveis maneiras de ser. O autor assim considera que o Ocidente inferiorizou outros povos para que pudesse aproximar todos os povos aos seus padrões (ELIAS, 2011, p. 213). Portanto, no período colonial houve uma hegemonização das condutas morais a serem seguidas, sobretudo pelos estratos considerados inferiores.

Aimé Césaire em *Discurso sobre o colonialismo*, por outra parte, analisa esse processo e o chama de *europização*, onde ressalta o caráter burguês como

fundamental para consolidação da sociedade ocidental, trazendo reflexões sobre qual estágio material chegariam estes mesmos países sem a intervenção europeia (2010, p.28), e não só os países, mas também a subjetividade humana. Por isso, quando pensamos em uma emancipação das mulheres, da população negra e dos trabalhadores, há que se considerar nossa subjetividade que, além de patriarcal e racista, é também burguesa, e o quão isso pode nos ludibriar ao que nos refere a compreensão da realidade. Césaire considera que

[...] ninguém coloniza inocentemente, que tampouco ninguém coloniza impunemente; que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização e, portanto, a força já é uma civilização enferma, moralmente ferida, que irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, é que chama seu Hitler, quero dizer, seu castigo (2010, p.22)

Nos dias atuais, quando pensamos em como a realidade de mulheres negras e racializadas está perpassada pelos processos coloniais, não há como não pensar no trabalho, sejam como trabalhadoras exploradas ou expropriadas. As mulheres racializadas, e em especial as negras, vem realizando trabalhos essenciais para a constituição e continuidade do capitalismo – estamos nos referindo ao trabalho de reprodução social que, apesar da sua importância (VERGES,2020), não está dentro dos objetivos do artigo. Dessa maneira, há de se considerar a natureza danosa da psicologização/racionalização (ELIAS, 2011) e europeização (CÉSAIRE, 2010) – como trouxemos anteriormente, que opera concretamente na vida dos pobres, população não branca e mulheres.

Césaire também refletiu sobre como a racialização tem papel central na importância que se é dada a certos períodos históricos de extrema violência e crueldade

As pessoas espantam-se, indignam-se. Dizem: “Como é curioso! Ora! É o nazismo, isso passa!” E aguardam, e esperam e calam em si próprias a verdade- que é uma barbárie, mas a barbárie; que é o nazismo, sim, mas antes de serem as suas vítimas, foram os cúmplices; que o toleraram, esse mesmo nazismo, antes de o sofrer, absolveram-no, fecharam-lhe os olhos, legitimaram-no, porque até aí só se tinha aplicado a povos não europeus [...] Sim, valeria a pena estudar clinicamente, no pormenor, os itinerários de Hitler e do hitlerismo e revelar ao burguês muito distinto, muito humanista, muito cristão do século XX que traz em si um Hitler que se ignora, que Hitler vive nele, que Hitler é o seu demônio que o vitupera é por falta de lógica, que, no fundo, o que não perdoa a Hitler não é o crime

em si, o crime contra o homem, não é humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o ter aplicado à Europa processos colonialistas a que até aqui só os árabes da Argélia, os <<coolies>> da Índia e os negros da África estavam subordinados. (CÉSAIRE, 1978, p. 18).

É evidente que há mais pesquisa, interesse e comoção por grande parte das pessoas com o holocausto em comparação com o período colonial e a escravização de pessoas africanas. No entanto, não há como comparar as atrocidades vividas por essas pessoas nesses diferentes momentos históricos. A racialização demonstra quem merece piedade e quem não merece, com quais pessoas certas coisas são aceitáveis e com quais não são.

As mulheres negras, por outro lado, além da violência como escravizadas, estavam ainda submetidas ao estupro colonial por parte de seus senhores, não apenas para os satisfazer sexualmente, mas também para perpetuação do sistema de desumanização. Angela Davis, em “Mulheres, raça e classe”, conclui que “O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras” (2016[1981], p. 20). Dessa forma, o abuso sexual contra essas mulheres deu origem a muitos elementos que constituem nossa sociedade até hoje, como por exemplo, o mito da democracia racial e estereótipos sexistas e racistas a seu respeito. Além do estupro colonial caracterizar-se como um *plus* na violência vivenciada pela escravizada, diferenciando-a do homem negro escravizado, é importante ressaltar que homens e mulheres negros não cumpriam com as mesmas determinações ocidentais de gênero de homens e mulheres brancas, pois eram iguais entre si perante ao trabalho bruto e o açoitado.

Nancy Fraser, em *Talleres ocultos del capital*, reflete sobre o aspecto estrutural do racismo, como ao capitalismo só lhe é designado seu caráter economicista, retirando suas bases sociais, políticas e históricas, o que o descaracteriza em seus pontos centrais (2020, p.96). Com isso, deixa-se de lado, por exemplo, o quão fundamental foi a escravização da população africana para a acumulação primitiva de capital, bem como neste mesmo período a opressão racial se consolidou enquanto uma dinâmica de dominação e opressão. Dessa forma, a inferiorização de populações não-brancas, especialmente a negra e a indígena, desde o período colonial, é o que permite que hoje essas pessoas tenham o valor de suas forças de trabalho rebaixadas. Mas não só isso, uma vez que, para além da desigualdade do valor da força de trabalho, essas populações sofrem com altos índices de desemprego.

O racismo e o patriarcado desde o período colonial foram desenvolvidos violentamente, desumanizando corpos negros e femininos, “definindo a negritude e a feminilidade como marcas de bestialidade e de irracionalidade” (FEDERICI, 2017, p. 360).

Atualmente podemos perceber, através de pesquisas estatísticas, que a situação das mulheres negras se encontra pior do que a de outros grupos sociais. Segundo dados do Instituto Brasileiro Geografia e Estatísticas (IBGE) 61% das mães solo no Brasil são mulheres negras, 63% das casas abaixo da linha da pobreza com crianças de até 14 anos são comandadas por mulheres negras; segundo dados da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) a chance de uma mulher negra não receber anestesia na hora do parto é de 50%, enquanto a taxa de não recebimento das brancas é de apenas 8% (FLAESCHEN, 2020). Esses são somente alguns dados que explicitam a situação vivida pelas mulheres negras, em que suas vivências são atravessadas inerentemente pelo patriarcado, racismo e as dinâmicas do estado burguês, que as submetem as piores condições.

### **3. A FEIRA PRETA E O (AFRO)EMPREENDEDORISMO NO BRASIL**

Antes de apresentar a Feira Preta se faz necessário saber: o que é afroempreendedorismo? O afroempreendedorismo é uma das facetas do empreendedorismo e, no Brasil, se caracteriza como uma estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade social e econômica da população negra, que é o grupo social mais atingido pelas dinâmicas de transformação do mundo do trabalho (NASCIMENTO, 2018, p.1). Eliane Nascimento ressalta que as palavras afroempreendedorismo e afroempreendedor são difíceis de serem definidas, uma vez que falta literatura, principalmente no meio acadêmico, o que dificulta a sua definição (NASCIMENTO, 2018, p. 6). No entanto, a partir do que venho pesquisando desde 2019 sobre ocupações informais e população negra, tenho identificado que o afroempreendedorismo é a necessidade de sobrevivência da população negra em consonância com o resgate cultural e ancestral africano.

Segundo Laís Mathias, o mercado afro no Brasil tem um público-alvo com expectativas em relação aos produtos a serem consumidos, com uma forte influência da população negra na cultura brasileira, possibilitando inovação e diferencial no mercado. No entanto, “é indispensável frisar que essas concepções de fortalecimento da cultura negra, a busca da independência criativa, entre outros fatores, não negligencia a luta pela relevância do negro no mercado de trabalho e em cargos de liderança em grandes empresas” (MATHIAS, 2016), enfatizando também que o afroempreendedorismo é, nesse contexto, uma ferramenta efetiva de busca pela democracia racial (MATHIAS, 2016).

Ainda segundo Mathias (2016), o afroempreendedorismo funciona como um mecanismo para minimizar a desigualdade vivida pela população negra e, ao mesmo

tempo, é uma demonstração do potencial empreendedor da população e da cultura afro. Essa afirmação, no entanto, não ignora que esse potencial se manifesta, em grande medida, pelo fato de que a população negra seja preterida no mercado formal de trabalho. Portanto, o afroempreendedorismo é voltado à valorização da identidade negra e que tem como base a afrodescendência como centro da produção (NATIVIDADE, 2016), portanto, de certa maneira, vem ajudando essa população a se orgulhar de ser negra. Mariana Ferreira, coordenadora da Rede Afroempreendedor no Estado (Reafro-RS), em matéria ao Portal Geledés, ressalta que, embora não seja fácil ser negro no Brasil, a população vem perdendo a vergonha, uma vez que agora há uma maior valorização da cultura, costumes e estética (MELLO, 2019).

A partir do caráter inovador do afroempreendedorismo surgiram diversas iniciativas de assistência aos afroempreendedores, como por exemplo o projeto Brasil Afroempreendedor, por parte do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), coordenado pelo Instituto Adolpho Bauer, pelo Coletivo de Empresários e Empreendedores Afrobrasileiros de São Paulo (CEABRA/SP) e pela Associação Nacional dos Coletivos de Empresários e Empreendedores Afrobrasileiros (ANCEABRA), o qual tem o intuito de dar oportunidade, qualificação, construir políticas públicas de apoio, buscando fonte de fomentação e financiamento aos projetos. Sua abrangência inclui 12 estados brasileiros, com capacitação e formação para os micro e pequenos afroempreendedores, como também para representantes de comunidades remanescentes de quilombo (PROJETO Brasil Afroempreendedor, 2013).

Hoje, no Brasil, as mulheres negras correspondem a 17% dos(as) empreendedores(as) do país e ganham menos do que todos os outros grupos; entre as mulheres, que correspondem aos 49% das empreendedoras, 21% delas tem CNPJ, o que significa que menos da metade tem um registro formal de seus negócios (REDAÇÃO, 2019b). Esses dados são resultados das condições históricas que as mulheres negras estiveram submetidas, assim, elas também são maioria no trabalho doméstico e quase não fizeram parte do processo de industrialização, conformando o grupo que ainda enfrenta grandes dificuldades no processo de busca por um trabalho formal.

A partir da análise do contexto estadunidense, Davis diz que

A minúscula minoria de pessoas negras na mão de obra industrial quase não incluía mulheres, que permaneciam absolutamente excluídas das atividades industriais. De fato, a maioria da mão de obra negra, tanto masculina quanto feminina, ainda trabalhava na agricultura ou nos serviços domésticos. [...] De fato, as mulheres negras geralmente estavam presas por um grilhão triplo de opressão: ‘Toda desigualdade e limitações

impostas à mulher branca estadunidense são agravadas mil vezes entre as mulheres negras, triplamente exploradas - como negras, como trabalhadoras e como mulheres' (DAVIS, 2016[1981], p. 168-169).

Mulheres negras são as mais vulneráveis a toda precarização, conforme disse Davis: são mulheres, negras e trabalhadoras, assim, todas as opressões mantenedoras dessa estrutura de desigualdade atravessam a existência delas. Em 2017, a diminuição da contratação de mulheres negras caiu de 32,2% para 30,5% (ACCARINI, 2018), gerando um aumento do contingente de mulheres negras no empreendedorismo. Para elas, empreender se torna a única forma de sobrevivência, entretanto, correspondem a 38% do total de quem recebe até meio salário (ACCARINI, 2018), o que significa dizer que a renda gerada pelo empreendedorismo é insuficiente para a reprodução delas e de sua família, - uma vez que, elas representam 37,3% das chefes de família no Brasil (SEBRAE, 2015).

Quando se pensa em empreendedorismo negro ou afroempreendedorismo no Brasil, a Feira Preta se apresenta como uma grande referência sendo praticamente pioneira entre projetos e instituições que visam o aprimoramento da população negra empreendedora. Criada em 2002, o Instituto Feira Preta (atualmente PretaHub) dispõe-se a estimular e acelerar os negócios negros no Brasil, promovendo educação empreendedora e atividades em todo o território nacional: “Sua meta é virar o Brasil de cabeça pra baixo e ajudar no empoderamento e ascensão social da população negra” (FEIRA PRETA, 2019).

Segundo Gleicy da Silva, o Instituto Feira Preta é “uma organização sem fins lucrativos que atua na promoção de eventos e espaços de debates sobre diferentes temas que relacionam cultura, mercado e política enquanto reivindicações políticas da população negra” (2017, p.23)

A estrutura social em que vivemos é baseada em critérios de desempenho individual e no empreendedorismo isso não é diferente, porém, com o que pudemos observar durante a Feira Preta, no afroempreendedorismo essa característica não está muito aparente. Desde o começo da feira foi possível perceber o sentimento de coletividade e de comunidade: tudo na feira remetia à união do povo negro e à ancestralidade, desde roupas, acessórios, música e outros produtos que estavam à venda; e entre as afroempreendedoras e os afroempreendedores não se notou competitividade, mas sim o sentimento de que nenhum(a) dele(a) é nada sozinho(a). Havia um ar de irmandade durante os dois dias que a feira aconteceu, e esse sentimento também parecia estar permeando não só entres expositoras e expositores que se ajudavam, como também entre quem estava visitando: todos aparentavam estar compartilhando um sentimento

de pertencimento, como por exemplo na gentileza entre as pessoas, conversas entre desconhecidos e trocas de olhares e sorrisos.

Para além de toda a estrutura montada para exposição dos(as) afroempreendedores(as), a feira contava com apresentações musicais e culturais afro, e também com palestras, debates, espaços sobre saúde e sexualidade da população negra, espaços recreativos para crianças e vários entretenimentos. A estrutura da feira era grande e havia, ainda, espaços destinados aos patrocinadores como o Banco Itaú e o Sebrae, que organizaram debates sobre o mundo do empreendedorismo e financeiro, tirando dúvidas e dando suporte para empreendedoras e empreendedores, e para quem estava pensando em se tornar um.

Por isso, a partir do que foi exposto neste tópico e no anterior, a próxima parte desse artigo tem o intuito de identificar características de uma socialização colonial nas falas das entrevistadas, uma vez que, como apontamos no primeiro tópico, o período colonial estrutura nas nossas relações sociais.

#### **4. MULHERES NEGRAS, EMPREENDEDORAS E AS HERANÇAS COLONIAIS**

Nesta parte, iremos analisar entrevistas feitas em dezembro de 2019 com seis empreendedoras, por ocasião da Feira Preta, que se realizou nos dias 7 e 8 de dezembro. Por esse motivo, como já feito anteriormente, as descrições aqui presentes serão constituídas da minha observação e das entrevistas coletadas.

Entrar em contato com as entrevistadas foi simples, nenhuma das abordadas hesitou em ser entrevistada – fui recebida com um sorriso por todas. Já no primeiro dia consegui fazer cinco entrevistas – o que me impressionou. No segundo dia, porém, só consegui realizar uma entrevista porque houve maior dificuldade para entrar em contato com as expositoras. Na ocasião, o movimento de público estava muito grande e a feira muito cheia em comparação ao dia anterior. Não querendo ser inconveniente e atrapalhar possíveis negócios, optei só por uma entrevista que já estava acordada desde o dia anterior.

As entrevistas foram feitas com seis mulheres de diferentes faixas etárias<sup>2</sup>, com o auxílio de um roteiro semiestruturado de perguntas abertas<sup>3</sup>, com o intuito de que elas

---

2 Cabe ressaltar que a faixa etária das entrevistas são aproximações, uma vez que, não quis fazer perguntas sobre idade. Seus nomes são abreviações do nome de suas marcas. As entrevistadas foram: W. S., de 35 anos mais ou menos; A. M., com mais ou menos 25 anos; M. D., entre 50 e 55 anos; E. A., com cerca de 70 anos; N. M., de aproximadamente 35 anos e B. R., entre 25 e 30 anos.

3 As perguntas que nortearam as entrevistas foram: 1- Como e por que decidiu ser empreendedor? E qual foi sua trajetória profissional até aqui? 2- Para você existe alguma diferença em ser um empreendedor(a) branco(a) e ser um empreendedor(a) negro(a)? Se sim, qual? 3- Conhece o movimento black money? Se sim, o

pudessem se expressar o quanto quisessem e falassem de suas trajetórias enquanto afroempreendedoras, no entanto, o objetivo aqui é demonstrar o caráter colonial de nossas relações sociais.

As duas primeiras falas a seguir têm a intenção de fazer refletir acerca de como o preconceito racial perpassa a experiência dessas mulheres

Infelizmente, os negros não dá pra falar que a gente nessa forma de comércio, e tudo mais, a gente tá igualado ao público branco. É mais difícil pra você conseguir um lugar pra expor, tudo se torna muito mais complicado, mas eu tenho dentro de mim que a gente tem que persistir, ainda mais é... O público negro que infelizmente pra grande maioria é um... Nós somos pessoas que muitas vezes acabam sendo discriminadas, o pessoal olha e fala: “Nossa, mas ela é a dona da loja? Mas como assim? Cê não trabalha pra alguém? Cê não é vendedora?”. Então muita gente às vezes não dá crédito. Mas a gente vem nessa luta, nessa resistência, pra fazer diferente, né? Pra fazer isso mudar (A. M., 2019).

Agora é muito triste isso, eu acho que o ser humano não deveria fazer isso, eu deveria valer porque eu sou um ser humano independente se eu sou negra, se eu sou branca, se eu sou japonesa, se eu seja o que for entendeu? eu sou um ser humano que deveria valer por isso, não pela minha cor da pele ou então porque eu tenho que mostrar que eu posso pra poder ser reconhecida, cê entendeu? Eu acho que não porque por exemplo, você vê pessoas brancas e de outras raças também que às vezes elas não são nada, mas elas conseguem porque tem um rosto bonito, é o padrão cê tá entendendo? (E. A., 2019).

Duvidar de pessoas negras em relação aos papéis que exercem, o que elas têm ou o que fazem, faz parte da sociabilidade patriarcal-racista-colonialista<sup>4</sup>. E essa sociabilidade está posta no lugar de impossibilidade que colocam a população negra, o que me faz refletir que a impossibilidade seria a marca mais profunda, que assola a população negra desde o período colonial até os dias de hoje, determinando a vivência dessa população. Dessa forma, impossibilidade de ser belo(a), de ser competente, inteligente, de merecer cuidado, carinho e afeto, de ter condições de viver de maneira digna, impossibilidade de ser humano. Assim, pessoas negras são vistas só em lugar de

---

que acha sobre ele? 4- De que maneira o afroempreendedorismo e/ou movimento black money lida com o capitalismo? 5- De que maneira você acredita que o afro empreendedorismo contribui para a luta antirracista? e 6- O que você espera/planeja para seu futuro?

4 Uma mulher branca obviamente nunca será questionada sobre o papel que exerce, se é dona de alguma empresa, se tem experiência, diploma ou até mesmo se é realmente mãe da criança.

subserviência e, logo, de preterimento; sobretudo quando pensamos nas mulheres negras, que o ser mulher agudiza ainda mais essa sociabilidade.

Aimé Césaire (1978) traz reflexões acerca do estranhamento e rejeição de tudo que é africano, e evidentemente essa é uma característica colonial que ainda permanece, como podemos observar quando a entrevistada W. S. diz: "As pessoas olham com desdém, tem medo de chegar perto, já associa a algo demoníaco por conta das estampas" (2019). Dessa forma, escancara-se o quanto colonial é nossa sociabilidade, visto que a justificativa de escravização dos povos africanos se deu na demonização de sua cultura e identidade, e assim, claro, na sua desumanização.

Quando perguntadas sobre porque decidiram empreender, a maioria delas diz que foi motivada a partir do seu trabalho formal, uma vez que o salário recebido era insuficiente. Duas das seis entrevistadas decidiram empreender por falta de representatividade e incentivadas pelas pessoas que se interessavam pelo que produziam, logo, podemos pensar que a militância veio antes do empreendimento, uma vez que, o que produziam já remetia à cultura e a ancestralidade africana. No entanto, a maioria delas sempre empreendeu, ou atuou de forma autônoma e só depois se aproximaram do afroempreendedorismo, tomaram consciência da sua identidade racial, como é o caso da M. D.:

Eu sempre tava fazendo alguma coisa de artesanato ou algo parecido e aí pra aumentar a minha fonte de renda eu comecei a fazer as bijuterias. Na realidade no mundo afro eu entrei depois da minha separação, eu estive casada durante 12 anos e eu vivia num mundo embranquecido, né?! O meu pai ele é português, não que ele tenha alguma coisa a ver com isso, mas de uma certa forma acaba tendo, então eu não me reconhecia como uma mulher negra. Então depois da separação por conta de não ter dinheiro pra fazer cabelo e tudo mais, eu fui começando a me identificar como uma mulher negra. (2019)

Diferentemente de grande parte da população negra, a entrevistada E. A., de aproximadamente de 70 anos e já aposentada, estava na Feira Preta por *hobby* e não para complementar a renda, como grande parte das outras expositoras. Ela teve uma trajetória profissional que fugiu das estatísticas, o que possibilitou que tivesse uma vida sem grandes dificuldades financeiras, no entanto, isso não a blindou do racismo. Assim, relatou da dificuldade e invalidação que passou ao longo da vida, sobretudo quando postulava vagas de emprego

Eu vou falar uma coisa pra você, quando eu trabalhava, eu sou professora mas eu não lecionava, eu realmente aposentei no banco [...] Eu quantas e quantas vezes quando era jovem eu ia fazer... pleitear emprego em escritório

essas coisas assim, eu já tinha diploma na mão, formada e por eu ser negra as vezes tava só eu de negra e tinha três, quatro loiras, morenas assim; aí depois, “muito bem depois a gente liga”, e não ligavam, simplesmente isso; e eu qualificada porque eu conversando na sala de espera lá tinha umas que não tinham diploma e eu era diplomada entendeu? e não era chamada [...] então eu não posso dizer como que está agora, mas pelo o que eu converso com as pessoas não melhorou muito não, eu acho que continua aquele... veladamente mas continua, entendeu? (2019)

Na fala das entrevistadas apareceram frases como: “Eu, mulher negra, da comunidade, zona leste, então tipo, nada foi fácil, dinheiro nunca veio de ninguém. Então, tudo que eu conquistei foi através de mim mesma.”, “[...] ser mulher e ser negra e entrar no mercado e empreender hoje em dia com a crise tá bem complicado. É uma persistência todos os dias” (M.D., 2019), “[...] foi num momento assim que eu vi que o quanto é difícil ser mulher, ser preta e empreendedora também, sabe?” (B. R., 2019). Essas falas não só demonstram o quão conscientes são essas mulheres com relação às opressões que sofrem, como também em que isso acarreta. Além disso, percebe-se a dureza vivida por essas mulheres, escancarando o que vimos no tópico anterior ao refletirmos a partir de Ângela Davis: que são, mulheres, negras e trabalhadoras.

Evidenciando que a desigualdade vivida por mulheres negras em relação a outros grupos sociais é herança do que se consolidou no período colonial, as seguintes falas demonstram de maneira clara a discussão teórica do primeiro tópico, no qual essa camada da sociedade tem que trabalhar dobrado para conseguir o básico para sua sobrevivência, e na maioria das vezes nunca é suficiente: “Eu ainda hoje tenho que trabalhar fora pra complementar, mas eu não vou desistir do meu sonho” (A. M., 2019). “Cê sabe, a gente sabe, isso é de conhecimento geral, que o negro sempre para ele conseguir uma posição ele tem que ser três vezes, quatro vezes, mostrar quatro vezes mais pra que a pessoas realmente reconheça o seu trabalho” (E. A., 2019). Nessas falas, se nota a dificuldade enfrentada no mercado formal pela população negra, e mais uma vez a renda na ocupação formal como insuficiente para sua sobrevivência, voltando-se ao empreendimento para complementá-la. Assim, as falas expressam “a realidade concreta vivida pela população negra no Brasil, que se torna ainda mais crítica enquanto classe trabalhadora, por sua condição histórica, uma vez que suas socializações no capitalismo sempre estiveram às margens.” (PASSOS, 2021, p.6).

A partir das análises feitas aqui, notou-se que, inevitavelmente, o pensamento colonial tem sua continuidade na colonialidade<sup>5</sup> (QUIJANO, 2014), estrutura a

---

5 Apesar que não citarmos anteriormente acreditamos ser importante nominar o que hoje é o que resultou do período colonial.

realidade que perpassa as mulheres negras, com a continuação desse modo de vida nocivo, que as condiciona a uma vida de constantes desafios e invalidações.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe possibilidade, no mundo em que vivemos, de pensar raça, classe e gênero como fenômenos separados. Pudemos perceber na primeira parte deste artigo que essas são determinações que andam juntas, e que nenhuma delas tem peso maior que a outra; sendo assim, a maneira como cada uma delas se dá na vida de cada pessoa, é o resultado das condições histórico-sociais que constituem o sistema desigual que vivemos.

Apesar de o empreendedorismo fazer parte do conjunto de ocupações informais e precarizadas, para a população negra se torna, na maioria das vezes, a única possibilidade de sobrevivência, uma vez que são preteridos(a) enquanto trabalhadores(a) formais. Assim, o afroempreendedorismo, para além de ser uma das formas de sobrevivência encontrada pela população negra, é também um impulso para a ancestralidade e a cultura africana, e essa particularidade é o diferencial do afroempreendedorismo.

Com as entrevistas pudemos vislumbrar o trabalho árduo que ainda deverá ser feito para que essa camada da sociedade não seja estigmatizada por ser quem são. Com a discussão traçada percebemos que o colonialismo deixou marcas profundas e, apesar de algumas já terem começado a ser superadas, as estruturas que conformam nossa socialização ainda é patriarcal-racista-colonialista, o que significa que ainda há muito que ser feito para que mulheres, negros e trabalhadores possam viver de maneira respeitável.

Com esse artigo buscamos demonstrar como a vida das afroempreendedoras é perpassada pelas dinâmicas coloniais, ilustrando tais aspectos com as falas das entrevistadas. Entretanto, apesar de logarmos algum êxito, ainda é uma abordagem inicial de um tema que merece mais aprofundamento, uma vez que o colonialismo – como pudemos ver – estrutura nossas relações e é a chave da desigualdade, seja ela de raça, gênero ou de classe.

## REFERÊNCIAS

ACCARINI, A. **Mulheres negras sofrem mais com trabalho precário e falta de investimentos**. CUT, 2018. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/tres-anos-de-perdas-e-retrocessos-para-as-mulheres-d94a>>.

ALMEIDA, S. **O que é o racismo estrutural?** Belo Horizonte: Feminismos Plurais, 2018.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: [s.n.], 1978.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo, Boitempo, 2016 (1981)

ELIAS, N. **O processo Civilizador.** Volume 1. Zahar, Rio de Janeiro, 2011, pp. 205-241.

FEDERICI, S. **Calibán e a bruxa. Mulheres corpo e acumulação primitiva.** São Paulo, Editora Elefante, 2017.

FEIRA PRETA. Disponível em: < <http://festivalfeirapreta.com.br>> Acesso em: 14 nov 2020.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classe.** Vol 1. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008[1964].

FLAESCHEN, H. **Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica.** ABRASCO, 2020. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/>>.

FRASER, N. **Los talleres ocultos del capital: Un mapa para la izquierda.** 2020.

GAGO, V. **A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular.** Editora Elefante, 2019.

LORDE, A. **Irmã intrusa, idade, raça, classe e sexo: mulheres redefinindo diferenças.**

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do Comunista.** São Paulo: Boitempo, 2017[1848].

MATHIAS, L. **O afro-empendedorismo e as novas perspectivas para o mercado.** Medium, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/clavedefapp/o-afro-empendedorismo-e-as-novas-perspectivas-para-o-mercado-52fe87069bd7>>.

MELLO, R. **Afroempreendedores revolucionam o ambiente de negócios brasileiro.** Portal Geledés, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/afroempreendedores-revolucionam-o-ambiente-de-negocios-brasileiro/>>.

NASCIMENTO, E. Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica. **III Seminário de Ciências Sociais** - PGCS UFE, Vitória, 12 a 14 nov 2018, p. 1-19.

NATIVIDADE, P. **Você estimula o afroempreendedorismo quando reconhece a potência dele.** Correios, 2019. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/voce-estimula-o-afroempreendedorismo-quando-reconhece-a-potencia-dele/>>.

PASSOS, A. L. Informalidade no Brasil: a sua especificidade racial entre a classe trabalhadora. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, v. 14, n. 00, p. e021017, 2021. DOI: 10.20396/cemarx.v14i00.15372. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/15372>.

PROJETO Brasil Afroempreendedor. **Instituto Adolpho Bauer**, 2013. Disponível em: < <http://www.institutoiab.org.br/projeto-brasil-afroempreendedor/> >

QUIJANO, A. Colonial idade do poder e classificação social. In. SANTOS; MENESES. **Epistemologias do Sul** (2014), p. 84-130).

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2001 [1987].

SEBRAE. **Os donos de negócio no brasil: análise por raça/cor (2003-2013)**. Série estudos e pesquisas. Brasília: SEBRAE, 2015.

SILVA, G, M. **Empreendimentos sociais, negócios culturais: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta em São Paulo**. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2016

SILVA, T; SILVA, S. **Trabalho, população negra e pandemia: notas sobre os primeiros resultados da PNAD COVID-19** Brasília: IPEA, 2020.

VERGES, F. **Um Feminismo Decolonial**. São Paulo, Ubu, 2020.

**Data de submissão: 17/04/2023**

**Data de aprovação: 06/08/2023**



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.